

Oswaldo Costa antropófago

Oswaldo Costa anthropophagous

Cláudia Rio Doce
UEL

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2023.e94732>

Resumo

O artigo aborda a trajetória de Oswaldo Costa, da Antropofagia ao jornalismo político posterior, fazendo um recorte em sua atuação na *Revista de Antropofagia*, como um de seus principais teorizadores, e enfatizando sua atuação no *Semanário*, jornal de esquerda independente que circulou de meados dos anos 50 até o golpe civil-militar em 64. O que exploramos, no decorrer da pesquisa, é a permanência dos interesses defendidos pelo movimento antropófago nos anos 20 nas causas abraçadas pelo *Semanário* décadas depois, mostrando coerência nas crenças e na ideologia de Oswaldo Costa, mas uma mudança radical nas estratégias de luta para alcançar os objetivos.

Palavras-chave: Oswaldo Costa; Antropofagia; O Semanário.

Abstract

The article addresses the trajectory of Oswaldo Costa, from Anthropophagy to later political journalism, focusing on his work in *Revista de Antropofagia*, as one of its main theorizers, and emphasizing his work in *O Semanário*, an independent left-wing newspaper that circulated from the mid-1950s until the civil-military coup in 1964. What we explore, throughout the research, is the permanence of the interests defended by the anthropophagic movement in the 1920s in the causes embraced by the *O Semanário* decades later, showing consistency in Oswaldo Costa's beliefs and ideology, but a radical change in the strategies of struggle to achieve the objectives.

Keywords: Oswaldo Costa; Anthropophagy; O Semanário.

Oswaldo Costa (1900-1967) foi um dos integrantes mais importantes da *Revista de Antropofagia* (1928-1929), tendo participação ativa no movimento que girou em torno da publicação, sendo responsável por diversos de seus textos emblemáticos, como a série “Moquém”, na segunda edição, que saiu sob o pseudônimo Tamandaré. A relevância do seu papel no movimento foi reconhecida pelos companheiros, em várias ocasiões. Raul Bopp, em *Movimentos Modernistas no Brasil*, menciona que fazia parte dos planos da bibliotecinha antropofágica o lançamento, em livro, dos artigos de Oswaldo Costa que saíram na *Revista*, juntamente com o “Manifesto Antropófago”, de Oswald de Andrade¹. Informação que por si só mostra a importância da sua participação como articulador do movimento. Assim como Bopp, Jayme Adour da Câmara, Geraldo Ferraz e Oswald de Andrade, todos, em diferentes ocasiões, conferiram, ao jornalista, desempenho fundamental no momento mais radical da publicação².

Carlos Jáuregui, num artigo dedicado a Oswaldo Costa, atribui mesmo ao autor o papel de maior articulador daquilo que ele chama de “crítica canibal da modernidade colonial e do Ocidentalismo”³. Lembrando que a primeira contribuição de Oswaldo Costa (“A ‘descida’ antropófaga”) saiu no primeiro número do periódico, juntamente com o Manifesto, ele a considera, e com razão, um “outro manifesto antropófago”⁴, uma vez que nela o feroz canibal aponta para a necessidade de uma decolonização cultural, recorrendo à historiografia nacional para, a um só tempo, recuperar uma tradição de resistência à colonização e desautorizar o discurso colonialista.

1 BOPP, Raul. *Movimentos modernistas no Brasil*, 1966. p. 91.

2 Cf. JÁUREGUI, Carlos A. Oswaldo Costa, Antropofagia, and the Cannibal Critique of Colonial Modernity. *Culture & History Digital Journal*, 2015. pp. 02 e 03.

3 *Ibidem*, p. 02.

4 *Ibidem*, p. 02

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

Se a contribuição de Oswaldo Costa, na primeira dentição, fica restrita a um único porém importante escrito, na segunda dentição sua presença é mais ostensiva, tendo publicado artigos sob sua própria assinatura e sob o pseudônimo Tamandaré, com textos em 10 dos 16 números. Isso sem contar com a hipótese do autor ter se utilizado de outros dos muitos pseudônimos que enchem as páginas da segunda dentição, em artigos ou notinhas, prática que multiplicava os poucos integrantes da ofensiva antropofágica.

Percorrendo alguns dos artigos de Costa, Jáuregui o coloca em uma posição de distinção em relação ao restante do grupo, que ele considera heterogêneo e diverso, em suas concepções estéticas e ideológicas. Para o autor, é unicamente Oswaldo Costa quem propõe um pensamento decolonizador que desafia as noções de civilização e progresso, que estruturam o nacionalismo brasileiro dos séculos XIX e XX⁵, invocando as lutas contracoloniais indígenas como um exemplo de resistência à incorporação ao Ocidente. Isso em contraposição a muitos de seus contemporâneos, que eram adeptos do mito do progresso. É em Oswaldo Costa que encontramos de forma mais insistente a ideia de necessidade de uma releitura contracolonial da história⁶.

Sobre seu texto inaugural, comentará o autor:

Costa cites Vieira against Vieira; he alludes not to the victory over the savages but to the resistance and valor of the rebels. He reads against the grain of a triumphant Western imperial history and reopens the defeat of the “hunted, tracked down, surrounded” and enslaved Inheiguáras. In contrast to his contemporaries’ nationalist homages to European culture and colonization, Costa’s Antropofagia cannibalizes the historical archive. I do not mean to suggest that Costa was carrying out a Benjaminian reading of history *avant la lettre*, but that he did advance a critique —a cannibal critique— of the historical and symbolic colonialism of the national archive.⁷

5 *Ibidem*, p. 05

6 *Ibidem*, p. 11.

7 *Ibidem*, p. 06.

De fato, uma das principais preocupações que percebemos nos textos de Oswald Costa é fazer uma leitura crítica da história. Em tal empreendimento, no entanto, o antropófago não deixa de fora seus contemporâneos, tendo se notabilizado pelos impiedosos moquéns. Diferentemente de Jáuregui, porém, não acredito que a Antropofagia possa ser vista apenas como um movimento literário. E a própria participação de Oswald Costa como um dos líderes da *Revista de Antropofagia* aponta para isso, já que, ao que tudo indica, essa foi sua única incursão no meio literário, tendo dedicado sua vida ao gerenciamento e direção de jornais e ao jornalismo político. O movimento antropófago queria-se muito mais amplo do que o campo literário, ou das artes. Os indícios nos são dados pela própria *Revista*. O começo do Manifesto nos diz que “Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente”⁸, e o texto dirá também que “Queremos a revolução caraíba. Maior que a revolução francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem”⁹. No número 5 da primeira dentição, em setembro de 1928, Oswald de Andrade menciona a intenção de fundar o clube de antropofagia, cujos objetivos eram fazer uma revisão de direitos (pensando, por exemplo, em questões como o divórcio, que já existia em Portugal desde 1910 e que no Brasil só torna-se lei em 1977; e a propriedade); uma revisão da religião (respeitando todas as práticas religiosas, já que entende o brasileiro como um povo supersticioso); a revisão da educação (propondo uma educação que procure uma sensibilidade de aprender com a terra); o amor natural (ou seja, que não se enquadre obrigatoriamente sob rótulos e legislações), a revisão da história do Brasil e da Europa, enfim, sinteticamente, nas palavras de Raul Bopp: “O clube de antropofagia quer agregar todos os elementos sérios. Precisamos rever tudo – o idioma, o direito de propriedade, a família, a necessidade do divórcio – , escrever como

8 ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. *Revista de Antropofagia*. N. 1 da primeira dentição, maio de 1928, p. 03.

9 *Ibidem*, p. 03.

se fala, sinceridade máxima”¹⁰. Dessa forma, fica mais fácil compreender o rompimento do grupo e o surgimento da segunda fase da *Revista*, com nova configuração. Não parecendo ser por acaso que se finalize a revista no formato conhecido de periódico literário, e que a chamada segunda dentição seja constituída de uma página do *Diário de São Paulo*, empreendendo a discussão antropofágica agora em um veículo de alcance muito maior que o anterior. Os ataques às instituições, assim, embora de inegável cunho dadaísta – contestando valores e práticas sociais correntes – estão a serviço dessa revisão do que a *Revista* chamava de “mentalidade reinol” e em prol de uma sociedade mais justa. Por isso Oswald Costa quer distanciar a antropofagia do modernismo, alegando que o modernismo foi apenas mais um dos muitos movimentos literários, já que buscava só uma revolução estética – residindo aí a sua limitação e o seu esgotamento – mostrando, assim, como o núcleo central do movimento antropofágico tinha uma compreensão da antropofagia muito diferente da abordagem da primeira fase.

Quando o primeiro número da segunda dentição aparece, em 17 de março de 1929, apresenta-se como “órgão do clube de antropofagia”. O “clube” era operante e, pelo que lemos nas páginas da *Revista*, buscava novas filiais e tinha uma atuação que não se restringia à publicação. A *Revista de Antropofagia* só noticiava algumas delas: o almoço de Piolin, os planos para a constituição de uma bibliotequinha antropofágica, a organização do Primeiro Congresso Brasileiro de Antropofagia, com uma lista bastante diversificada de temas a serem debatidos. A *Revista* anunciava, ainda, que depois do congresso o grupo solicitaria, “ao senado e à câmara, algumas reformas na legislação civil e penal, bem como na organização político-

10 Raul Bopp *apud* ANDRADE, Oswald de. Esquema ao Tristão de Athayde. *Revista de Antropofagia*, N. 5, primeira dentição, setembro de 1928, p. 03.

social”¹¹. Mesmo que vários desses planos não tenham se concretizado e que alguns deles pareçam mais um chiste vanguardista, fato é que muitas discussões foram empreendidas e eventos promovidos, e alguns nem foram noticiados na publicação do grupo. Lendo os textos de Raul Bopp sobre o tema, temos a dimensão de um movimento muito mais rico e atuante do que a *Revista* dá a conhecer. Ele nos conta, por exemplo, que “Quando Berta Singerman, numa das suas andanças declamatórias pelo Brasil, anunciou o seu novo recital de poesias, no Teatro Municipal, a Antropofagia lançou, também, em cartaz, no mesmo dia, um programa literário da negra Sorumbá, denominada ‘a nossa *disease*’”¹². O que mostra um posicionamento político, capaz de causar escândalo na época, mas também de provocar discussões relevantes. Três acontecimentos próximos interromperam o projeto antropofágico: O *Diário de São Paulo* acabou com a *Revista*, pois um número cada vez maior de leitores indignados com a página devolveu os jornais; Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade se separaram, dividindo e dispersando o grupo; e, por fim, a quebra da bolsa de Nova York, que afetou integrantes do movimento. Anos depois, Bopp diria que “Com a emoção dos acontecimentos, ninguém pensou mais no congresso de Vitória. A ‘Bibliotequinha’ ficou em nada. E a Antropofagia dos grandes planos, com uma força que ameaçava desabar estruturas clássicas, ficou nisso... provavelmente anotada nos obituários de uma época”¹³

A antropofagia não teve uma teorização sistemática. Suas atuações mesclam questões e posicionamentos importantes com uma impostura vanguardista típica, que não se furta à ofensa aos leitores, às instituições e aos ex-companheiros. Isso não quer dizer, no entanto, que os integrantes do movimento não acreditassem na sua força revolucionária – como Benjamin

11 Primeiro Congresso Brasileiro de Antropofagia. Revista de Antropofagia. N. 15, segunda edição, 19/07/29.

12 BOPP, Raul. Movimentos Modernistas no Brasil, 1966, p. 74.

13 *Ibidem*, p. 94

também acreditava na força revolucionária do Surrealismo –, conforme observamos no depoimento de Bopp citado e no próprio fato de vários antropófagos terem ainda se ocupado – na vida política ou em suas obras posteriores – das principais questões presentes no movimento, mesmo depois de muito tempo de sua extinção.

Oswaldo Costa, na *Revista de Antropofagia*, parece bem situado nesse local que reúne posicionamento contestatário e impostura vanguardista. Seu primeiro texto, no N. 1 da primeira edição, “A ‘descida’ Antropófaga”, é um dos que dão as diretrizes do movimento. Ele começa dizendo que

Há quatro séculos, a “descida” para a escravidão. Hoje, a descida para a libertação. O Dilúvio, foi o movimento mais sério que se fez no mundo. Deus apagou tudo, para começar de novo. Foi inteligente, prático e natural. Mas teve uma fraqueza: deixou Noé.

O movimento antropófago, – que é o mais sério depois do Dilúvio – vem para comer Noé. **NOÉ DEVE SER COMIDO.**
(...)

Os **PEROS** que ainda existem entre nós hão de sorrir por seus dentes de ouro o sorriso civilizado de que, reagindo contra a cultura, estamos dentro da cultura. Que besteira. O que temos não é cultura europeia: é experiência dela. Experiência de quatro séculos. Dolorosa e pau¹⁴.

O texto começa com a oposição entre “descida” para a escravidão e descida para a libertação, fazendo uma analogia entre o “descimento de indígenas” para a incorporação ao sistema colonial, no passado, e a “descida antropofágica” atual, simbólica, para a luta contra o jugo iniciado no século XVI. Essa ideia de descida para a libertação fica mais clara num outro texto de Costa, onde ele diz que “Só o selvagem nos salvará. Essa força profunda que sentimos e que cumpre conservar, lutando sempre, é dele, nos veio dele. A catequese não tirou o índio do mato. Ele ficou na floresta e dela só agora

14 COSTA, Oswaldo, A ‘descida’ antropófaga. *Revista de Antropofagia* N. 1, primeira edição, maio de 1928, p. 08.

saiu para a vitoriosa descida antropofágica”¹⁵.

Explicitando a importância da recuperação de uma história de resistência indígena, e da identificação com essa história, e não com o discurso colonial. Daí a referência zombeteira ao dilúvio, “movimento mais sério que se fez no mundo”, apagando tudo para começar de novo, ou, no caso da antropofagia, fazendo uma leitura contracolonial da história. A ideia de começar de novo se apóia no fato de termos uma “experiência” “dolorosa e pau” da cultura europeia, de espoliados, e não daqueles que usufruem de suas benesses. A descida antropofágica, em outras palavras, é um levante.

Percorrendo os textos de Costa, é difícil não os associarmos aos conceitos de história de Benjamin, principalmente ao fragmento de número 7:

Os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores (...). Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos bens culturais. (...) Todos os bens culturais que ele [o materialista histórico] vê têm uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror. (...) Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não é, tampouco, o processo de transmissão da cultura¹⁶.

É justamente contra a identificação com o vencedor – “mentalidade reinol”, no vocabulário antropofágico – que os antropófagos se insurgem. Na verdade, tanto “reinol” quanto “descida” ou “pero” (forma como os portugueses eram chamados pelos indígenas, no início da colonização) são expressões do Brasil colonial, apropriadas pela Antropofagia que, com seu uso, faz uma espécie de sobreposição temporal entre um passado e um presente

15 COSTA, Oswaldo. De antropofagia. Revista de Antropofagia, N.9, segunda denteção, 15/05/1929.

16 BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política. 1987, p. 225.

de espoliação, sujeição, enfim, de violência colonial. O arcaísmo de tais expressões apontam, como explica Benjamin sobre o uso do que é antiquado pelos surrealistas, para a transformação em “nihilismo revolucionário das coisas escravizadas e escravizantes”¹⁷. Esse jogo de sobreposição entre o passado colonial e acontecimentos recentes, como o pacto entre o papa Pio XI e Mussolini, em 1929, está presente em toda a *Revista*, evidenciando uma afinidade entre os perigos atuais e momentos do passado, revelando o “lado bárbaro” da civilização. Assim, civilização e barbárie são identificados como uma mesma coisa, fazendo com que a oposição tradicional predominante no discurso colonial seja colocada em questão.

Na minha leitura, Oswaldo Costa não é o único antropófago a propor um pensamento decolonizador ou que tenha – mais que o restante do grupo – se preocupado com uma leitura contracolonial da história, como afirma Carlos Jáuregui. Existe uma dinâmica na *Revista de Antropofagia* que não deve ser ignorada. Embora o grupo seja sim heterogêneo, há um jogo de ideias que se repetem pelos textos e notinhas, assinados ou anônimos, e dos quais fazem parte também o Manifesto Antropófago e mesmo os poemas da colonização de *Pau-Brasil*, por exemplo. Há um trabalho de montagem na *Revista* que coloca tudo isso em diálogo com frases de efeito e notícias, e os artigos de Costa e/ou Tamandaré fazem parte dessa dinâmica. É relevante notar que os autores se citam mutuamente. Fragmentos de alguns dos artigos são incorporados a outros, alguns textos desenvolvem ideias de aforismos do Manifesto, anedotas que foram contadas aparecem de forma elíptica em uma outra edição. Nessa espécie de jogo de ecos e reescrituras, de repetições e frases de efeito, é que a Antropofagia vai ganhando corpo. E as sobreposições de imagens do passado e do presente não parecem fazer senão apontar para os estados presentes de injustiça, estabelecendo uma

17 BENJAMIN, Walter. O Surrealismo, o último instantâneo da inteligência europeia. Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política. 1987, p. 25.

relação entre eles. A montagem, recurso utilizado na composição da página antropofágica, propicia a exposição dos conflitos da história, trabalhando, no seu processo de desmontagem e remontagem, com a transgressão e o reposicionamento, do qual emerge um sentido político. O conhecimento histórico, nesse movimento que cria descontinuidades, se converte em uma montagem temporal. Como ressalta Didi-Huberman, “não há força revolucionária sem remontagens dos lugares genealógicos, sem rupturas e novas urdiduras dos vínculos de filiação, sem reexposição de toda a história anterior”¹⁸. O autor também lembra que montagem e anacronia é o que caracteriza o *gestus* filosófico de Walter Benjamin. Podemos reconhecer a força e o desejo da investida antropofágica justamente circunscritas a esse gesto.

Com o fim da *Revista*, o grupo antropófago se dispersou. Alguns integrantes do movimento, no entanto, continuaram envolvidos com as preocupações que aparecem na *Revista*, buscando outras formas de luta, mas ainda atuando na imprensa. *O homem do povo* (1931), *O homem livre* (1933-1934), *Vanguarda socialista* (1945-1948) foram alguns dos periódicos em que estiveram envolvidos. Nas décadas de 30 e 40 é notória a temática social nas obras literárias de Oswald de Andrade, Geraldo Ferraz, Patrícia Galvão e na pintura de Tarsila. Oswald de Andrade, nos anos 30, dedica-se ao teatro, gênero que ele considera “educativo”, portanto, um meio mais eficaz de chegar às massas. A trajetória de Oswaldo Costa segue caminho semelhante. Ele escreveu para o jornal *A Manhã* (RJ, considerado porta voz da Aliança Nacional Libertadora), foi diretor da sucursal das *Folhas de São Paulo* no Rio e também de *Diretrizes* (RJ), assumindo a direção deste último em fins de 1945, tornando-se, mais tarde, diretor-proprietário do jornal, detendo a

18 Na tradução espanhola: “No hay fuerza revolucionaria sin remontajes de los lugares genealógicos, sin rupturas y retejer de los vínculos de filiación, sin reexposiciones de toda la historia anterior”. DIDI-HUBERMAN. Cuando las imágenes toman posición. 2008, p. 157.

maioria das ações. Em 1956, fundou, com Joel Silveira, *O Semanário* (RJ), um dos mais importantes veículos da imprensa nacionalista de esquerda. Segundo Edmar Morel, Oswaldo Costa foi considerado um dos maiores jornalistas do seu tempo por nomes como Barbosa Lima Sobrinho e Nelson Werneck Sodré¹⁹. Morel também conta que ele foi preso duas vezes. Uma pela participação no movimento da ANL e a segunda depois do golpe civil-militar, em 1964, quando teve seus direitos políticos cassados. Depois do fechamento do *Semanário*, Oswaldo Costa ainda conseguiu lançar o clandestino *Jornal Semanal*, que teve apenas três edições, com quatro páginas cada. O intuito da publicação era “desmascarar” o golpe. Porém, sendo perseguido pelos órgãos da repressão, o jornalista não encontrava oficinas de impressão e bancas que se dispusessem a receber o periódico. Oswaldo Costa morreu em 1967.

O Semanário apareceu em abril de 1956, com tiragem de cerca de 60 mil exemplares e circulação em todo o território nacional, como um espaço aberto para o debate político e livre de interesses econômicos e partidários, conforme anuncia no primeiro número, onde ressalta que sua arrecadação era baseada na vendagem avulsa do jornal e nas assinaturas: “Não somos uma empresa que disponha de recursos capitalistas. Somos uma equipe de trabalhadores da imprensa que não quiseram, nem querem fazer da profissão um negócio. Por isso mesmo, só contamos com um auxílio efetivo: o do povo. E temos confiança nessa ajuda, para nós decisiva”²⁰.

É bem interessante lermos o jornal sem esquecermos que Oswaldo

19 MOREL, Edmar. *Histórias de um repórter*, 1999, p. 237. Entre as páginas 235 e 237 de seu livro, Morel traça uma pequena biografia de Oswaldo Costa, personalidade sobre a qual são escassas as informações pessoais. Ele conta, por exemplo, que o jornalista nasceu em Belém do Pará, em 1900. Aos 15 anos foi para Salvador, onde começou sua carreira jornalística no *Diário da Bahia*, que publicou seu primeiro furo de reportagem. Foi para o Rio de Janeiro quando tinha 21 anos, tornando-se o principal redator do *Correio da Manhã*. Passou a vida entre o Rio e São Paulo, escrevendo para diversos jornais.

20 Profissão de fé. *O Semanário*. N. 1, 5 a 12 de abril de 1956, p. 02.

Costa foi um dos protagonistas da Antropofagia, pois em suas páginas vemos vários dos temas abordados pelo movimento ganharem destaque. E o título de alguns artigos, como “Revolta do homem contra a roupa”²¹ (sobre os desenhos de Darcy Penteado, designer de moda masculina, baseados nos modelos de Flávio de Carvalho), são ainda ressonâncias da revista vanguardista. O jornal abre espaço para discussões sobre o divórcio, sobre a liberdade religiosa (com sessões sobre religião em vários números, divulgando o espiritismo e a umbanda, por exemplo), sobre a reforma agrária, e mapeia, pelo Brasil, o surgimento de organizações nacionalistas e populares em diversas regiões, destacando suas atuações, assim como a *Revista de Antropofagia* fazia com as sucursais do clube de antropofagia nos diversos estados. O *Semanário* também manteve, desde o começo de 1959, a coluna “Brasilianas”, assinada por José Frejat. José Frejat foi um destacado líder estudantil e um dos fundadores do Movimento Nacionalista Brasileiro. Tornou-se redator-chefe do *Semanário* em 1958, mesmo ano em que concorre, pela primeira vez, a um cargo público, candidatando-se a vereador do Rio de Janeiro, enveredando por uma longa trajetória na política nacional. “Brasilianas” foi uma coluna de notinhas numeradas que se ocupava em fazer denúncias da sujeira política do país, falando sobre casos de corrupção, de enriquecimento fácil ou ilícito, alianças escusas, etc. Se na primeira fase da *Revista de Antropofagia* “Brasiliana”²² denuncia a imbecilidade reinante em determinados meios sociais, como sugere Augusto de Campos, em *O Semanário* a denúncia se detém ao cenário político. No jornal, a coluna não é composta de citações e nem se utiliza do método da montagem, como na *Revista*, mas de uma sequência numerada de fatos e notícias, o que supõe continuidade. A coluna, portanto, ao mesmo tempo em que remete à anterior, muito se distingue dela, encarnando as características e objetivos

21 Capa do N. 46, 14 a 21 de fevereiro de 1957.

22 Sobre essa coluna da Revista de Antropofagia, ver RIO DOCE, Cláudia. Experimentação antropofágica em “Brasiliana”. Terra Roxa e Outras Terras, 2020, pp. 69-77.

do jornal.

O Semanário é porta-voz de um movimento nacionalista, que assume o caráter de libertação política, numa luta que ele denomina de anticolonialista, defendendo medidas que possibilitassem o desenvolvimento econômico do país, tais como o apoio às reformas de base (principalmente a reforma agrária, a reforma tributária e a reforma bancária), o industrialismo “voltado para dentro” e o combate aos “trustes” estrangeiros, que dominavam o cenário econômico.

Nos anos 50 e 60, esses aspectos do movimento nacionalista estão na pauta de setores da esquerda, das forças armadas e também do governo, com os membros da Frente Parlamentar Nacionalista (FPN). Nesse período, vale lembrar, os militares têm papel de relevo no cenário político nacional, se candidatando a cargos políticos, ocupando funções administrativas e técnicas em estatais, e também contribuindo para a estabilidade ou instabilidade dos governos. Alguns setores do movimento nacionalista, assim como o próprio *Semanário*, enxergavam nas forças armadas um meio de defesa dos interesses nacionais, e não uma ferramenta de repressão. Jorge Ferreira explica que, “as esquerdas trabalhistas, comunistas, socialistas e cristãs, além de movimentos sindicais urbanos, organizações camponesas, estudantis e, inclusive, facções das Forças Armadas se entendiam como participantes ativos na elaboração de um projeto de libertação nacional”²³ constituindo uma cultura política popular da qual *O Semanário* fazia parte, como um dos seus mais importantes veículos de comunicação. O historiador também irá lembrar que,

naquelas décadas consideradas (erroneamente e por muito tempo) de ‘populistas’, toda uma geração de homens e mulheres partilhando ideias, crenças e representações, acreditou que no nacionalismo, na defesa da soberania nacional, nas reformas das estruturas sócio econômicas do Brasil, na ampliação dos direitos

23 Jorge Ferreira *apud*. BRITO, Leonardo Leonidas de. A imprensa nacionalista no Brasil: o periódico “O Semanário”. 2007, p. 15.

sociais dos trabalhadores do campo e da cidade, entre outras demandas materiais e simbólicas, encontraria os meios necessários para alcançar o tão almejado desenvolvimento do país e o efetivo bem-estar da sociedade. Esperança, reformismo, distributivismo e nacionalismo, tornaram-se o elemento integrante da utopia desenvolvimentista que se constituiu como signo daquela época²⁴.

O *Semanário* tem um papel relevante nesse cenário, pois procura mobilizar a opinião pública em torno de questões políticas e econômicas (como o controle estatal na exploração do petróleo, a industrialização internacionalizante do governo JK, a extração e comercialização de minerais atômicos, etc.), abrindo espaço para interlocutores e pontos de vista que não tinham acesso à grande imprensa. Além de expor as ideias e projetos do movimento nacionalista, buscava arregimentar setores da população em torno da “defesa dos interesses nacionais”, organizando debates, abrindo-se ao diálogo e dedicando-se a um trabalho “didático” a fim de esclarecer a população mais simples e dar voz às suas angústias. O intuito de colaborar num processo de formação política dos leitores é claro, e mesmo em uma formação geral. Para tanto, diversos são os meios empregados. O jornal divulga e contribui, por exemplo, com as ações de “comandos nacionalistas”, grupos organizados para percorrer bairros do Rio de Janeiro com o objetivo de esclarecer e discutir diretamente com as camadas mais desprivilegiadas da população as causas defendidas pelo movimento nacionalista e as possíveis soluções para seus problemas, promovendo debates. A folha constantemente cria novas colunas que resumiam e concentravam informações para o leitor demasiadamente ocupado ou sem dinheiro para acompanhar diversos jornais, além de enfatizar a diferença dele, jornal “comprometido com a verdade” e a “grande imprensa”, comprometida com o capital estrangeiro e o “entreguismo” (um dos epítetos da publicação era “*Semanário*, o jornal que não se vende”). Alguns exemplos são “O que os jornais dizem”, “Isto as

24 *Ibidem*, p. 15.

agências não noticiaram” e “Nós lemos os jornais para vocês”. A publicação também se preocupa em identificar “os inimigos da pátria” e atribui grande importância a sessão de cartas e opiniões dos leitores, além de reivindicar melhores condições para os trabalhadores, focando em acontecimentos – como a violência empregada pelos “rapas” contra os vendedores ambulantes de jornais, no centro do Rio de Janeiro – e que muitas vezes têm resultados positivos, o que mostra a influência e respeitabilidade adquirida pelo jornal, mesmo sendo uma publicação independente pequena, se comparada aos grandes conglomerados que já dominavam a imprensa da época. Nesse sentido, é impressionante pensarmos no tamanho e na constância desse combate empreendido pela equipe do *Semanário* e por Oswaldo Costa, em particular, contra os tubarões da grande imprensa e seus interesses, a fim de conquistar espaço, leitores e, mais do que isso, companheiros em uma luta desigual, para dizer o mínimo. Em muitos momentos os leitores são diretamente convocados para o campo de batalhas, principalmente durante o conturbado período político vivido após a renúncia de Jânio Quadros. Esse diálogo direto com o público também seria marcado por várias enquetes promovidas pelo jornal, consultando seus leitores acerca de temas variados – prática também existente na grande imprensa. O primeiro “inquérito”, já no número inaugural, foi sobre a condenação ou absolvição de Adhemar de Barros, acusado de peculato pela compra irregular de 36 veículos da General Motors. Em 1957 o jornal também lançou um concurso, pelo período de dois meses os leitores podiam eleger, “livre e democraticamente”, “os dez mais entreguistas” do país. Assis Chateaubriand ficou em primeiro lugar, Carlos Lacerda em terceiro e Augusto Frederico Schmidt em oitavo. O resultado foi divulgado, como era de se esperar, de forma zombeteira:

Em nosso próximo número, publicaremos a relação completa dos restantes votados, bem como as biografias dos DEZ MAIS. Como se viu, Chatô ganhou a corrida espetacularmente, com uma vantagem de 4.030 votos sobre o segundo colocado [Amaral

Peixoto]. Fez jus, portanto, ao prêmio Calabar, no valor de 30 dólares, que lhe será entregue em praça pública, em local, dia e hora por ele próprio escolhido, para o que aqui ficamos a seu inteiro dispor²⁵.

A publicação manteve-se coerente durante todo período de sua existência, na atuação em favor de um projeto econômico reformista e popular. Para tanto, o jornal procurou dar voz e destaque ao movimento estudantil, aos trabalhadores rurais – articulados nas Ligas Camponesas –, aos movimentos sindicais e a todas as questões que afligiam os trabalhadores e as classes populares. Durante o governo JK, os destaques eram para os trustes internacionais e a exigência de controle estatal de áreas consideradas estratégicas, como no caso da extração e comercialização de minerais atômicos e do petróleo.

Nos anos 60, mediante os intensos debates sobre o desenvolvimento do país e os caminhos que deveriam orientar sua economia, o maior enfoque do jornal é em torno das reformas de base, principalmente a reforma agrária, já que a exploração imperialista e os latifúndios improdutivos eram considerados os grandes obstáculos para o desenvolvimento nacional e a maior causa da miséria da população. Oswaldo Costa irá mencionar o projeto de lei elaborado pelo deputado do Piauí, Clidenor de Freitas, que autorizava o registro das Ligas Camponesas no Ministério do Trabalho e o seu financiamento para aquisição de terras e custeio do trabalho agrícola. O jornal se engajaria pela aprovação do PL 3107/1962, arquivado em maio de 1964.

Uma das preocupações principais do *Semanário* é com a crescente instabilidade. O jornal, então, cobra a união das esquerdas, num apoio mais incisivo ao governo e como forma de barrar a conspiração das forças conservadoras, cuja movimentação denunciava constantemente.

25 Os dez mais entreguistas. O *Semanário*, N. 80, 17 a 24 de outubro de 1954, p. 08.

Depois que Goulart resolveu levar adiante o programa de reformas, confiando que a pressão popular sobre o Congresso Nacional de fato possibilitasse sua concretização, o *Semanário* aderiu com ímpeto às novas estratégias, convocando os leitores a comparecerem às ruas. Entusiasmado com o comício de 13 de março, Oswaldo Costa deixa transparecer confiança não apenas nos novos rumos escolhidos por Jango, mas em suas realizações com o apoio popular.

o sr. João Goulart mostrou ter, mais do que nenhum outro político, qualidades de comando que o credenciam à efetiva liderança popular. Agora, é liquida as vaidades e ambições sem horizonte dos que lhe atiravam cascas de banana no caminho, a fim de que nelas escorregasse, para a alegria dos lacerdas, é todos nos unirmos em torno do Governo, (...) porque a fase dura agora é que vai começar, é marchar, com firmeza, para a reforma constitucional, porque uma Constituição que nega o direito de voto aos analfabetos, cabos e soldados, que se refere de forma vaga e ambígua à elegibilidade dos sargentos, que exige pagamento prévio em dinheiro pelas desapropriações por interesse social, que transfere para os Municípios, isto é, para os do latifúndio, a cobrança do imposto territorial etc. nada mais é do que uma Carta Patente das Classes Privilegiadas e, como tal não pode subsistir, por incompatibilidade congênita e insanável com os imperativos do momento histórico de transformações substanciais que estamos vivendo.

Na destruição da velha estrutura, o decreto da SUPRA foi o primeiro passo. O segundo será dado pela reforma constitucional. Vamos a ela!²⁶

Esse foi seu texto da última edição do jornal, na semana de 19 de março a 1 de abril de 1964 (o jornal não costumava circular na semana da paixão). Logo na manhã de 1º de abril, *O Semanário* teve sua redação destruída. O novo regime foi eficaz na eliminação das vozes de contestação, principalmente as identificadas com a liderança do nacional-reformismo. Oswaldo Costa e alguns colaboradores do *Semanário* já constavam no decreto de 14 de abril do “comando revolucionário”, que cassava os direitos políticos de civis e

26 COSTA, Oswaldo. Agora, a Reforma Constitucional! *O Semanário*, N. 376, 19 de março a 1 de abril de 1964, p. 01.

oficiais do exército.

O movimento antropofágico marcou seus integrantes que, não raro, voltaram-se para seus princípios posteriormente. Essa utopia de um país mais justo e igualitário continuou a ser buscada por eles, por outras vias, porém. Oswaldo Costa não foi exceção. Percebemos a ressonância, mesmo que longínqua, da Antropofagia, em outros aspectos além de temas abordados e colunas do jornal. Em mais de uma oportunidade, Costa cita Oswald de Andrade em seus artigos, mencionando sua ideia de “horizonte de pedrada”²⁷. Sua única incursão no suplemento literário do *Semanário* foi para entrevistar o ex-companheiro Jayme Adour da Câmara, em 1957. E em um dos seus textos chegou mesmo a equiparar “antropófago” a uma série de outros epítetos “pejorativos” pelos quais os nacionalistas eram comumente chamados por seus opositores políticos: “Nós, os nacionalistas estatistas, totalitários, antropófagos, inimigos do Trono e do Altar, agitadores, jacobinos, vendidos a Moscou, salafrários, bandidos etc.”²⁸, utilizando-se do mesmo recurso de seus textos para a *Revista de Antropofagia*, recuperando um vocabulário ou expressões coloniais nos quais se inscreve a ideologia do dominador. Dessa forma, deixa evidente a estratégia utilizada desde sempre pelas classes hegemônicas que procura não só reprimir, porém deslegitimar, desqualificar seus adversários. Mas “antropófago” aqui é mais do que isso, afinal mostra exatamente o que dizia um de seus textos de 1929: “Essa força profunda que sentimos e que cumpre conservar, lutando sempre, é dele [do selvagem], nos veio dele.”²⁹ Os meios nessa luta se modificaram. O *Semanário*, como já dissemos, procura interpretar os acontecimentos cotidianos para explicá-los, com linguagem acessível e muitas vezes panfletária, para seus

27 Como, por exemplo, no artigo “Ação política pró-desenvolvimento econômico”, no N. 66, 11 a 18 de julho de 1957, p. 02.

28 COSTA, Oswaldo. Rififi na Free Enterprise. O *Semanário*, N. 67, 18 a 25 de julho de 1957, p. 02.

29 Cf. Nota 15.

v i s
d e l
e r
u r a
t r a
v e
i a

leitores, observando a importância, no combate político e social, da adesão das massas. E essa adesão, como o jornal a entende, se conquista com educação, no corpo a corpo, com esclarecimentos. O movimento deveria vir de baixo para cima, e não de cima para baixo, como nos planos para os resultados do Congresso de Antropofagia. O aspecto lúdico, as estratégias vanguardistas e a utilização da montagem se foram. A utopia agora era a de uma aliança de classes, interessada no pleno desenvolvimento do país e na melhoria de vida das classes mais pobres. Para isso era imprescindível a participação de todos e de cada um, como o jornal dá a ver em “Organização do povo”, artigo não assinado, presente no N. 283, de 31 de maio de 1962:

Cumprir ter em vista que o movimento nacionalista é um movimento de massas, e não um movimento de cúpulas. Deve vir de baixo para cima, e não de cima para baixo. (...) É preciso que você, estudante, operário de fábrica, camponês sem terra, intelectual, pequeno comerciante ou pequeno artífice industrial progressista, homem ou mulher, jovem ou velho, se compeetre de que o líder é você. Não espere que o governador, o prefeito ou o deputado venha à sua cidade ou ao seu bairro para fundar um Núcleo Nacionalista, que esclareça e eduque o povo no trato e no conhecimento dos problemas, que promova em torno deles conferências e mesas redondas de debates de que participem todos os setores da população local, (...) que faça pressão sobre os poderes públicos no sentido da defesa dos interesses do País e do povo, e que mantendo contato fraternal com os elementos progressistas de todos os partidos, com os sindicatos e com as ligas camponesas, se torne uma poderosa e influente organização de massas, capaz de empunhar com garbo a nossa bandeira de luta. Que já fez, nesse sentido, seu governador, seu prefeito, seu deputado?³⁰

Se com o fechamento do *Semanário*, o golpe pôs fim à cultura política popular promovida por ele, o fez por reconhecer sua potência. A trajetória de Oswaldo Costa nos mostra a coragem e principalmente a força daquele que não aceita mais ser subjugado, e que tem a enorme capacidade de recomeçar uma e outra vez em projetos pela concretização de um sonho, pelo despertar

30 Organização do povo. O *Semanário*, N. 283, 31 de maio de 1962, p. 2.

desse sonho, como diria Benjamin. O movimento nacionalista do qual Oswaldo Costa fazia parte agora era um programa, com uma coordenada projetiva de ação. Coloca-se como um levante, não de uma classe, mas de toda uma população.

Referências:

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOAVENTURA, Maria Eugenia. *A Vanguarda Antropofágica*. São Paulo: Ática, 1985.

BOPP, Raul. *Movimentos modernistas no Brasil*. Rio de Janeiro: São José, 1966.

BRASIL, Rafael do Nascimento Souza. *Um jornal que vale por um partido*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

BRITO, Leonardo Leonidas de. *A imprensa nacionalista no Brasil: o periódico "O Semanário"*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cuando las imágenes toman posición*. Trad. Inés Bértolo. Madrid: A. Machado Libros, 2008.

DIDI-HUBERMAN, Georges (org.). *Levantes*. São Paulo: SESC SP, 2017.

JÁUREGUI, Carlos A. Oswaldo Costa, Antropofagia, and the Cannibal Critique of Colonial Modernity. *Culture & History Digital Journal*. Vol. 4, N. 2, Madrid, Dezembro de 2015. pp. 1-17 Disponível em: <https://cultureandhistory.revistas.csic.es/index.php/cultureandhistory/article/view/82/274> Acesso em fevereiro de 2023.

MOREL, Edmar. *Histórias de um repórter*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1999.
O SEMANÁRIO. Rio de Janeiro: [1956-1964].

REVISTA DE ANTROPOFAGIA. Edição fac-similar. Pref. Augusto de Campos.
São Paulo: Abril Cultural/Metal Leve, 1975.

RIO DOCE, Cláudia. Experimentação antropofágica em “Brasiliana”. *Terra Roxa e Outras Terras – Revista de Estudos Literários*, Vol. 38, 2020, pp. 69-77. Disponível em:
<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/39267/pdf>

Submissão: 01/06/2023
Aceite: 11/07/2023

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2023.e94732>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.*